



## HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Noélia Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Deliane Nascimento Teodoro<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar as experiências de estudantes de Pedagogia do gênero masculino durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, campo caracterizado pela atuação profissional de mulheres. Para tanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho exploratório que contou com a participação de 10 estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *campus* sertão que realizavam estágio supervisionado em instituições de Educação Infantil no momento da pesquisa. Contamos com o suporte teórico dos estudos de gênero fundamentado em Scott (1995) e Saffioti (2004) e em autores que discutem a presença masculina na Educação Infantil em nosso país, a exemplo de Sayão (2005), Monteiro e Altmann (2014), Jaeger e Jacques (2017), Santos (2020, 2021) entre outros. Nossos achados permitiram compreender os sentimentos associados a primeira experiência juntos a crianças da Educação Infantil e a vivência da docência efetivamente através do estágio supervisionado. Se por um lado, a presença de um homem na escola de educação infantil provoca suspeita e desconfiança, inclusive por parte das crianças, implicando em dificuldades na interação, por outro, essa diferença foi fator determinante para o estabelecimento de relações mais afetuosas. A presença de homens num contexto dominado por mulheres nos permite refletir sobre a atuação profissional de pedagogos e pedagogas, que não deve estar relacionada ao gênero.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Docência masculina, Gênero.

### INTRODUÇÃO

Em nosso país, a docência configura-se como uma área profissional em que as mulheres são maioria. Tal assertiva pode ser comprovada pelas estatísticas educacionais nacionais pois, dos 2.190.943 professores que lecionam na educação básica, 79,3%<sup>3</sup> (1.737.166) são mulheres e 20,7% (453.777) são homens (INEP, 2022b). Essa predominância feminina no magistério foi verificada no estudo de Gatti e Barretto (2009) e posteriormente por Carvalho (2018).

Fica evidente então, que os homens estão em menor número nessa categoria profissional. Essa presença masculina na educação ganha contornos diferentes quando olhamos em detalhe para cada etapa da educação básica. Ainda com base nos dados de 2021, enquanto

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [noeliar1@gmail.com](mailto:noeliar1@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda em Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [delianenst@gmail.com](mailto:delianenst@gmail.com)

<sup>3</sup> Porcentagem calculada pelas autoras com base nas informações da sinopse estatística da educação básica 2021 (INEP, 2022b).

no ensino médio 42,3% dos professores são homens, na educação infantil estes representam apenas 3,7 % do quadro docente (INEP, 2022a).

Em Alagoas, a proporção de professores do gênero masculino não difere da média nacional, dos 4.407 docentes da educação infantil do estado, apenas 169 são homens (INEP, 2022b), que representa 3,8% do quadro de professores da referida etapa de educação. Dessa forma, a predominância de mulheres nesta etapa de ensino fez com que a presença de docentes homens na educação infantil cause estranhamento. Uma vez que, nas palavras de Santos (2020, p. 77) “os professores homens, quando inseridos em um ambiente profissional construído *por e em função* de uma demanda social das mulheres, alteram as relações sociais que ali ocorrem”.

Esse estranhamento foi relatado nos estudos de Monteiro e Altmann (2014), que verificaram tentativas de segregação em razão da presença masculina ser tida como algo incomum. Jaeger e Jacques (2017) apontaram dificuldades dos homens que optaram por atuar na etapa da educação infantil, sendo comum lidarem com sentimentos de desconfiança, incertezas e resistências. Haddad, Marques e Amorim (2020) ao investigar as compreensões da prática pedagógica em educação infantil por meio de videogravação, verificaram sentimentos de incômodo, inquietação e estranheza frente a presença de profissionais homens na referida etapa da educação.

Apesar de termos poucos homens atuando na educação infantil e frente a estranheza que causam, é fato que durante a formação acadêmica em Pedagogia todos os graduandos terão a oportunidade de conhecer os espaços das escolas de educação infantil pois, como determinado pela Resolução CNE/CP nº 01, de 15 de maio de 2006, que institui as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura, o estágio supervisionado deve ocorrer “prioritariamente em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2006, p. 4).

Destarte, com carga horária determinada, o estágio supervisionado deve ser realizado ao longo do curso com o propósito de assegurar aos estudantes a vivência do exercício profissional em diferentes ambientes (BRASIL, 2006). Seguindo tais orientações, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *campus* sertão, o estágio supervisionado obrigatório tem 400 horas de atividades divididas em três disciplinas (Estágio Supervisionado I, II e III). A docência em educação infantil ocorre no estágio supervisionado II, em que 40 horas são destinadas a orientação e 120 horas para atividades de campo (UFAL, 2018).

Portanto, os estudantes homens que cursam Pedagogia irão experimentar ainda durante a graduação, o convívio com crianças na primeira etapa da educação básica. Reconhecendo que



a presença masculina causa estranhamento, este estudo tem como propósito analisar as experiências de estudantes de Pedagogia do gênero masculino durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, campo caracterizado pela atuação profissional de mulheres.

## **METODOLOGIA**

Considerando que nos deteremos nas perspectivas dos participantes da pesquisa acerca de suas interações e atividades no ambiente de escolas de educação infantil, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois, como explica Minayo (2002), esse tipo de estudo busca se aprofundar no mundo dos significados das ações e relações humanas.

Como buscamos maior compreensão sobre a presença de docentes homens numa etapa da educação marcada pela feminização, nosso estudo classifica-se como uma pesquisa exploratória, uma vez que esse tipo de estudo, segundo Gil (2002), permite maior familiaridade com o fenômeno estudado, de forma a torná-lo mais claro.

Contamos com a participação de 10 estudantes do gênero masculino do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *campus* do sertão, com idade de 22 a 26 anos. Esses estudantes estão matriculados na disciplina estágio supervisionado II em duas turmas, a primeira composta por 30 discentes (sendo 24 mulheres e 6 homens) e a segunda turma com total de 36 estudantes (sendo 32 mulheres e 4 homens).

Para a produção dos dados foi utilizado um questionário elaborado no google *forms* e distribuído via aplicativo de mensagens (WhatsApp) aos 10 estudantes do gênero masculino. Todos se dispuseram a colaborar e responderam ao questionário. No momento da pesquisa estes discentes estavam em escolas de educação infantil realizando o estágio supervisionado, todos em turmas de pré-escola, com crianças de 4 a 5 anos de idade.

As informações prestadas nos ajudaram a compreender contextos variados, uma vez que temos estudantes realizando estágio em instituições de diferentes cidades. Dois realizam estágio em escolas de educação infantil de Delmiro Gouveia, cidade onde o *campus* universitário está situado, quatro fazem estágios em escolas do município de Água Branca e um em Pariconha, todas cidades do estado de Alagoas. Soma-se também, mais três estudantes que realizam estágio em escolas de educação infantil de Paulo Afonso, estado da Bahia.

Com o propósito de manter a identidade dos participantes, estes serão identificados pela palavra estudante seguida de um número cardinal. O processo de produção dos dados ocorreu em maio de 2022.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A educação constitui-se como um dos campos atravessados pelas discussões que envolvem as questões de gênero. Em relação à docência, esta configura-se como uma área predominantemente feminina, em que as mulheres representam a maior parte dos profissionais em todas as etapas da educação básica.

Quando se trata da educação de crianças pequenas, em termos quantitativos, o número de profissionais mulheres atuando é muito superior ao de homens, como já demonstramos. Para entendermos esse processo de feminização do magistério e seus reflexos na educação infantil é necessário compreendermos aspectos relacionados a história da formação de professores em nosso país.

Gatti (2010) esclarece que a feminização da docência é um fenômeno que data do final do século XIX, quando as mulheres foram recrutadas para atuar no magistério das primeiras letras. Nesse período, segundo Vianna (2001), os homens vão gradativamente abandonando as salas de aulas e ao longo do século XX, a presença de mulheres na educação aumenta significativamente, configurando o caráter essencialmente feminino da educação básica.

A presença quase absoluta de mulheres na educação infantil, segundo Arce (2001), representa um dos fatores que contribui para reforçar o mito sobre a mulher/mãe como educadora nata da educação infantil, segundo a ideia de que são as mulheres que reúnem as características desejáveis para educar as crianças, pois pressupõem-se que sejam dóceis, passivas, amorosas e agem com bom senso, por exemplo.

Essas características distintas que se espera das mulheres, segundo Saffioti (2004), ocorre em razão de significados diferenciados de masculino e feminino que se fundamentam na ordem patriarcal de gênero, em que as mulheres são socializadas para que possam desenvolver condutas dóceis, pacíficas e apaziguadoras, e os homens, ao contrário, são incentivados a desenvolver comportamentos agressivos, perigosos, que revelem coragem e força. Essas representações de gênero, complementam Jaeger e Jacques (2017), acabam sendo reproduzidas nas práticas escolares, em que se espera que a mulher seja frágil, terna e de coração “mole” e que os homens sejam fortes, bravos e disciplinadores.

Dessa forma, compreende-se que a diferenciação entre masculino e feminino é uma questão que ganha suas especificidades na docência, sobretudo na educação de crianças, campo de atuação marcado pela feminização. Diante do exposto, é possível visualizar a necessidade de discutir sobre as relações de gênero, uma vez que este configurar-se como um aspecto que influencia nas atividades laborais.

Scott (1995) propõe o gênero como categoria analítica, que pode favorecer o debate e a análise das relações sociais, e que permite explicar as persistentes desigualdades entre homens e mulheres, uma vez que este é compreendido como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86). Sayão (2005) complementa que a categoria gênero auxilia na compreensão dos sentidos que caracteriza masculinidade e feminilidade no contexto da educação infantil, problematizando o caráter imutável que o feminino adquiriu nesse ambiente.

Nessa mesma perspectiva, Santos (2020) afirma que a maneira como as masculinidades e as feminilidades são concebidas, apreendidas e ritualizadas em nosso cotidiano explicam a escassa presença de homens nas instituições de educação infantil. Nas escolas, os homens ocupam funções que reproduz os sentidos de masculinidade existente no imaginário da sociedade em atividades de porteiro, zelador, vigilante ou gestor, ou como pais que levam e buscam seus filhos e filhas, “mas nunca, ou quase nunca eram/são vistos se responsabilizando pelos cuidados e pela educação das crianças, principalmente, dos bebês (SANTOS, 2020, p. 54).

Assim, se a educação infantil se naturalizou como um campo de atuação feminino, a presença de homens nessa etapa da educação tornou-se algo estranho, como já evidenciamos antes. Porém, concordamos com Monteiro e Altmann (2014), que a presença masculina pode, no primeiro momento parecer incompatível ou algo estranho, mas representa também uma ruptura com noções naturalizadas ao longo de anos sobre masculinidade.

Corroborando com a ideia, Santos (2020) explica que as investigações colocam a existência de homens docentes em escolas de educação infantil como uma realidade, não cabendo, portanto, questionamentos acerca da presença desses profissionais nas instituições. Assim, esses achados indicam que a progressiva inserção desses homens atuando no cuidar e educar de crianças pequenas favorece para a construção de outras e de novas masculinidades.

Mas, a questão não se limita a apenas inserir homens na primeira etapa da educação básica, afirma Santos, Soares e Braga (2020), é necessário que homens e mulheres tenham o desejo de mudança e que se reconheçam como entes importantes no processo de construção, desconstrução e reconstrução das relações sociais de gênero.

Lembremos que “a docência na Educação Infantil é construída por meio do trabalho diário de homens e mulheres, e não está determinada por uma estrutura de gênero que seria o ponto fundamental da profissão” (JAEGER; JACQUES, 2017, p. 550). Assim, a importância se refere a atuação profissional, em práticas que promovam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como consequência dos questionamentos trazidos acerca da feminização do trabalho docente na educação infantil e a necessidade de se discutir as questões sobre gênero na docência, realizamos nossa pesquisa junto a 10 estudantes homens que cursam Pedagogia na UFAL, *campus* sertão e no momento da pesquisa estavam realizando estágio supervisionado em instituições de educação infantil, com crianças da pré-escola. As informações colhidas nos permitiram compreender acerca das vivências dos participantes no âmbito da educação infantil, campo profissional marcado pelo grande número de mulheres.

Seis estudantes nos informaram que o estágio supervisionado representa o primeiro contato com crianças dessa etapa escolar. Dois afirmaram que atuaram com crianças da educação infantil em práticas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) durante a graduação e outros dois disseram atuar com crianças em experiências profissionais antes do ingresso no curso de Pedagogia.

Especificamente em se tratando da experiência do estágio supervisionado na educação infantil, os estudantes nos contaram como se sentiram nas primeiras interações com as crianças. As respostas revelam sensações variadas. Quatro estudantes colocaram que as primeiras interações com as crianças ocorreram normalmente. Outros quatro participantes revelam-se inseguros e até envergonhados nas primeiras interações, como ilustrado no relato do Estudante 3, que afirmou: “Me senti um pouco **perdido** pois como tinha perdido o primeiro estágio era a minha primeira vez entrando em uma sala de aula com crianças”.

Os outros dois estudantes afirmaram se sentir receosos nas primeiras interações com as crianças, seja relacionado aos seus próprios sentimentos, como é o caso do estudante 9, que disse se sentir “um pouco intimidado!”. Ou no caso do estudante 4, que avalia que houve apreensão por parte dele e por parte das crianças, vejamos seu relato:

Senti receio, por ambas as partes. Da **minha parte**, pois sei o quanto é complicado um homem estar em meio a crianças dado o fato que muitos pais e mães acabam desconfortáveis ao ver uma figura masculina lidando com suas crianças pequenas. Isso ocorre porque infelizmente há um grande aumento nos casos de pedofilia e abuso sexual de menores. Senti também receio por **parte das crianças**, pois elas são orientadas a não confiarem e nem chegarem perto de homens desconhecidos. (Estudante 4).

Estes estudantes estão vivenciando um importante momento do seu curso superior, que é o estágio supervisionado. Nesse intervalo de tempo, terão a oportunidade de aplicar o conhecimento acadêmico em situações de prática profissional, aqui especificamente em



instituições de educação infantil. É o momento de experimentar a docência efetivamente, de ser professor, situação até então nova para a maior parte deles, o que pode justificar os sentimentos de apreensão, insegurança e até desconforto.

Jaeger e Jacques (2017) explicam que há discussões sobre como o curso de Pedagogia, em razão da escassez e até ausência masculina, tem se tornado um lugar pouco atraente para os homens e quando entram no curso podem ser questionados acerca de suas competências para cuidar e educar crianças. O que nos faz lembrar as palavras de Arce (2001), sobre a construção do mito sobre a mãe/mulher como educadora nata da educação infantil, nessa perspectiva os homens não dispõem das características desejáveis para educar as crianças.

Toda essa desconfiança em torno das habilidades masculinas para cuidar e educar os pequenos, segundo Jaeger e Jacques (2017), se acentua na fase dos estágios supervisionados, sendo comum dificuldades para estudantes homens experimentar a docência em escolas de educação infantil, uma vez que a presença masculina é pouco aceita nessa etapa da educação.

Considerando tal afirmação, buscamos compreender se houve tratamento diferenciado por parte dos atores da escola, pelo fato do estagiário ser do gênero masculino. A maior parte, seis discentes, afirmaram não sentir qualquer tipo de diferença no tratamento se comparado às colegas de estágio que são mulheres. No curso de Pedagogia da UFAL, *campus* sertão é permitido que os estágios supervisionados sejam realizados em dupla.

Porém, os outros quatro estudantes enfatizaram que houve tratamento diferenciado. Entre eles, a fala de um estudante nos chamou atenção sobre suas impressões acerca da figura masculina no espaço de uma escola para criança, ele nos relata que: “Senti como se a imagem do homem fosse corrompida ao ponto de todos os homens serem ‘maus’” (Estudante 4).

Ao que parece, o estudante experimentou certo “estranhamento” frente a sua presença no campo marcado pela feminização. Esse foi um dos achados do estudo de Monteiro e Altmann (2014). Ao acompanharem a trajetória profissional de docentes homens na educação infantil estes relataram o estranhamento das outras pessoas quanto a escolha profissional e as atividades desenvolvidas, especificamente relacionados aos cuidados corporais das crianças.

A afirmação do estudante sobre a imagem que se constrói em torno da presença masculina no espaço de uma escola de educação infantil remete a uma certa suspeita por parte das outras pessoas. Esse é um dos apontamentos do estudo de Jaeger e Jacques (2017), que verificam que os homens que atuam na educação infantil tiveram de lidar com sentimentos de desconfiança e medo por parte das profissionais da instituição e dos pais das crianças. Observaram que alguns gestores optam por colocar os professores homens em turmas de crianças maiores para assegurar o mínimo de contato corporal entre professor e criança. Por sua

vez, os pais mostravam-se preocupados com possíveis abusos sexuais frente a possibilidade do contato professor-criança, especificamente nos cuidados como os banhos e/ou trocas de fraldas dos pequenos.

Santos (2021) acrescenta, que mesmo que os homens comprovem as habilidades pedagógicas para atuar na educação infantil, sempre serão observados em razão da suposta ameaça à sexualidade de meninas e meninos, “seja pela possibilidade de abusarem sexualmente das crianças, seja por serem considerados uma referência perniciosa do ponto de vista da produção da sexualidade dos pequenos, especialmente dos meninos” (SANTOS, 2021, p. 7).

Os participantes da nossa pesquisa também se posicionaram sobre as dificuldades ao longo do estágio supervisionado em turmas de educação infantil. Quatro estudantes afirmaram não encontrar empecilhos no desempenho das atividades em sala de aula junto as crianças. Os demais apontaram dificuldades, entre eles dois mencionaram problemas relacionadas ao comportamento das crianças em sala de aula, como a indisciplina, a falta de atenção ou as brincadeiras em momentos que não deveriam ocorrer.

As dificuldades relativas a ser do gênero masculino apareceram no relato de três estudantes e dizem respeito à interação com as crianças. O estudante 4 afirmou o seguinte: “A interação com as crianças é a maior dificuldade, pois elas acabam sentindo maior confiabilidade na figura feminina, pois desde pequenas, as crianças em sua maioria são criadas majoritariamente pelas mães”. Por sua vez, o estudante 6 relatou: “O fato de ser o único homem na escola toda, na parte da sala de aula, fazia com que as crianças tivessem uma interação difícil comigo, tendo o caso de algumas delas ficarem receosas de terem o ensino comigo”.

O estudante 5 também relatou dificuldades na interação com as crianças. Como o estágio supervisionado foi realizado em dupla, ele e uma colega do gênero feminino, as crianças da turma aparentemente preferiam interagir com a estagiária mulher. Vejamos seu relato:

Algumas alunas da turma, que sempre que têm dificuldade em algo, prioriza chamar em todas as vezes minha colega de estágio, mesmo eu estando próximo, isso me chamou atenção, e no decorrer do estágio sempre busco está oferecendo ajuda, para ir desconstruindo isso (Estudante 5).

Se temos a presença significativa de mulheres na educação infantil, a presença de um professor homem certamente não passará despercebido pelas crianças, podendo ser algo diferente para elas. Considerando que meninos e meninas compreendem sentidos e significados de uma estrutura cultural ampla, Santos (2021) verificou que as representações acerca de

masculinidades e feminilidades vivenciadas nas relações entre professores de gêneros diferentes são apreendidas pelas crianças, o que pode contribuir para a reprodução de estereótipos provenientes de outros contextos para o interior da escola de educação infantil. As crianças são participantes ativos nas relações de gênero, complementa Santos, Soares e Braga (2020), portanto, é necessário que os profissionais da educação, homens e mulheres, dialoguem com elas, com o propósito de promover relações sociais que sejam baseadas na equidade de gênero.

Mas, as relações que se estabeleceram entre estagiários e crianças não foram marcadas apenas pelas dificuldades de interação. Para um estudante, ser do gênero masculino foi determinante para que as crianças estabeleçam relações mais afetuosas. Ele afirma que sentiu tratamento diferenciado por parte das crianças, e diz: “[...] sim por parte das próprias crianças. A afetuosidade é maior, recebo mais abraços, carinho e até mesmo tentam brincar mais comigo” (Estudante 2).

Sobre as questões que circundam as demonstrações da afetividade quando envolve adultos e crianças, especificamente nas interações em que existem beijos e abraços, Sayão (2005) verificou que esta é uma situação diferente quando há homens atuando na instituição, parecendo que essa troca deve ser restrita a crianças e mulheres. A autora destaca a importância de que os docentes homens mantenham estratégias de aproximação com meninos e meninas pois, práticas carregadas de afetos beneficiam as crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as experiências de estudantes do gênero masculino do curso de Pedagogia da UFAL, *campus* sertão durante o estágio supervisionado em instituições de educação infantil, campo de atuação caracterizado pela maciça presença feminina. A realização do estágio supervisionado representa a experiência junto a crianças da primeira etapa da educação. Para alguns, este momento significa o primeiro contato com essa população, ao mesmo tempo que representa o exercício efetivo da docência. Sendo uma situação nova, despertou sentimentos variados, sendo comum a insegurança e apreensão.

Nossos estudantes adentram num campo de certezas construídas ao longo da história. E à medida que o número de mulheres se mantém muito elevado entre docentes da educação infantil parece reforçar o mito, que outrora nos falava Arce (2001), que naturaliza o cuidar e o educar de crianças como função da mulher.



Frente a essa ideia naturalizada, a presença de homens nessa etapa da educação provoca olhares de suspeita e desconfiança, relatado na literatura e também vivenciado por estudantes que participaram desta pesquisa. Essa também parece ter sido uma ideia que se naturalizou em diferentes ambientes, entre eles o da escola de educação infantil, a de que a presença masculina implica em perigo eminente para as crianças, principalmente riscos para seus corpos, que poderiam ser violentados. Tais ideias podem justificar as dificuldades dos estagiários em se relacionar com as crianças. Ora, meninos e meninas podem perceber a presença de um professor na escola como algo incomum, havendo a presença significativa de professoras mulheres.

Mas também é preciso destacar que alguns estudantes vivenciaram a experiência junto as crianças e aos outros atores da escola sem nenhuma implicação pelo fato de ser homem, nesse caso, não experimentando o estranhamento e suspeitas que cercam a presença de homens na educação infantil. Ao contrário, ser do gênero masculino foi fator determinante para o estabelecimento de relações mais afetuosas por parte das crianças.

Discutir as relações de gêneros, aqui com foco na presença de homens num contexto dominado por mulheres, é importante para pensar sobre ser professor e professora, sobre o que é necessário para cuidar e educar os pequenos, ou seja, para executar suas atividades profissionais. Discussões sobre atuação profissional de homens e mulheres no mesmo contexto, nos ajuda a superar ideias naturalizadas que discriminam pessoas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos estudantes do curso de Pedagogia da UFAL, *campus sertão* por colaborar e permitir a realização dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ARCE, A. Documentação oficial e o mito da educadora nata na Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 167-184, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KBkSjzMQRzJYD493bKxwVVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em: 10 mai. 2022.

CARVALHO, M. R. V. O perfil do professor nas Etapas da Educação Básica. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, Brasília: v. 1, 2018. Disponível em: <http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/1005/754>. Acesso em: 10 mai. 2022.



GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2022.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2019/04/Professores-do-Brasil-impasses-e-desafios.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, L.; MARQUES, C. D. S.; AMORIM, L. H. S. “Eu acho estranho!” Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 409-436, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/76126>. Acesso em: 06 set. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo técnico censo escolar da Educação Básica**. Brasília, DF: Inep/MEC, 2022a. Disponível: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf). Acesso em: 09 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Sinopse estatística da educação básica 2021**. Brasília: Inep, 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>. Acesso em: 09 mai. 2022.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n.2, p. 545-562, maio-agosto, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/M9qfpLxghJxZPF7qxKDG59n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2021.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 9-29.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, v.44, n.153, p.720-741, jul./set., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/RLTGrW43VVJqGZPpr3Qdk5p/?lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2021.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, S. V. S. A estranha presença de professores homens na Educação Infantil: consideração sobre o masculino em creches e pré-escolas. In: MORO, C.; BALDEZ, E. (orgs). **EnLacES no debate sobre Infância e Educação Infantil**. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2020. p. 53-82. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=m1k-EAAAQBAJ&pg=PA1&hl=pt-BR&source=gbv\\_toc\\_r&cad=3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=m1k-EAAAQBAJ&pg=PA1&hl=pt-BR&source=gbv_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 17. Jun. 2022.

\_\_\_\_\_. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qtKR9PYWdVKHcLybqCVpc7D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SANTOS, S. V. S.; SOARES, A. G.; BRAGA, D. S. Percepções das crianças sobre as relações de gênero a partir das interações vividas entre pares e na companhia de uma professora e um professor na Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 632-655, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/75541/445>. Acesso em: 28 ago. 2022

SAYÃO, D. T. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.  
Disponível em:  
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106572/223081.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 14. mai. 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 13 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Delmiro Gouveia, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/noeli/Downloads/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Pedagogia%20Licenciatura%202018%20\(15\).pdf](file:///C:/Users/noeli/Downloads/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Pedagogia%20Licenciatura%202018%20(15).pdf). Acesso em: 15. mai. 2022.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2001. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.